

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

100 ANOS DE ATHOS BULCÃO

Programa CCBB Educativo – Arte & Educação

Como os azulejos chegaram aqui?

CONVITE À ATIVAÇÃO

A arte da azulejaria, muito tradicional na arquitetura da Espanha e de Portugal, chegou a esses países por influência dos árabes, que levaram para as terras conquistadas o costume de ornamentar as paredes dos interiores de seus palácios com brilhantes azulejos. Fascinados com a ornamentação e as geometrias complexas dos painéis compostos pelo material, os portugueses não demoraram a desenvolver seus próprios motivos e padrões, levando à criação das primeiras olarias de produção de azulejo em Lisboa por volta do ano de 1560.

Com o passar do tempo, os azulejos ultrapassaram o objetivo decorativo e passaram a conter mensagens religiosas e políticas, ilustrando cenas tanto morais quanto reais. Os desenhos dos azulejos passaram também a brincar com a perspectiva dos espaços onde eram aplicados, criando noções de profundidade em paredes

planas. No século XIX, os azulejos passam a ser aplicados nas fachadas dos edifícios, ganhando um outro significado e assumindo um novo impacto na paisagem das cidades.

Durante a colonização portuguesa, Portugal trouxe para o Brasil a prática da azulejaria. No começo de sua aplicação na arquitetura colonial, os azulejos eram produzidos na Europa e trazidos nos porões dos navios como lastro (peso para ajudar o navio a se equilibrar na água). Nesse período, além da influência portuguesa, painéis de azulejaria holandesa também ajudaram a formar o repertório de cidades como Olinda, Salvador e São Luís.

É somente no começo do século XX que o azulejo passa a ser produzido no Brasil, com fábricas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esse período coincide com o surgimento do modernismo, movi-

mento artístico que, a partir dos anos 1930, também transformou a arquitetura em nosso país. Dentre as muitas novidades da época, os azulejos são retomados e seus motivos e aplicações atualizados. Nesse período, os artistas Candido Portinari e Athos Bulcão foram os principais responsáveis pela renovação da arte da azulejaria no Brasil.

Enquanto Portinari usava predominantemente o azul e o branco e elementos visuais orgânicos inspirados na natureza, Athos desenvolvia desenhos geométricos e composições inusitadas, criando formas abertas e abstratas. Essa prática resultou em um estilo de azulejaria muito característico, que hoje é facilmente reconhecido por seu processo de composição, cores e modos de integração com a arquitetura e a paisagem urbana.

Mas o azulejo nem sempre é usado somente por razões decorativas.

Em um país como o Brasil, os materiais usados nas construções estão expostos ao sol, à chuva e à umidade, levando ao desgaste das edificações ao longo do tempo. Além disso, as altas temperaturas de muitas das nossas cidades podem gerar espaços desagradavelmente quentes. E o azulejo pode ajudar a solucionar esses dois problemas. Além de não absorver a umidade e ser fácil de limpar, protegendo a edificação das intempéries por mais tempo, a superfície externa do azulejo reflete a luz e serve também de isolante térmico, gerando ambientes internos mais frescos em um país tropical.

Hoje em dia, a maioria dos edifícios que usam azulejo em nossas cidades escolhem o material devido a essas questões práticas, e, muitas vezes, os arquitetos e construtores perdem a oportunidade de explorar as possibilidades da aplicação decorativa da azulejaria. Isso nos faz pensar em algumas perguntas:

Como os azulejos são usados na arquitetura da sua cidade hoje em dia?

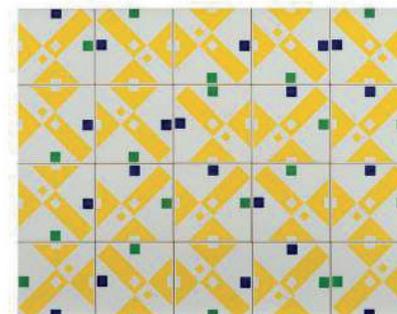
Você conhece exemplos de azulejos no seu bairro ou em seus caminhos diários que te chamam a atenção? Se sim, como são seus desenhos e suas composições? Como eles se destacam na paisagem?

Quais são as diferenças entre a maneira como os azulejos são usados hoje e a maneira como Athos Bulcão os utilizava?

Se você fosse arquiteto ou arquiteta, como você usaria o azulejo em seus projetos?

Como a cidade pode inspirar o desenho de painéis de azulejos hoje em dia?

Quais são as vantagens de uma cidade em que as fachadas dos edifícios estão cobertas por arte?



Como seria a sua cidade?

Agora chegou a sua vez de fazer as suas próprias composições a partir de alguns dos azulejos de Athos Bulcão, dando cor e textura à sua cidade.

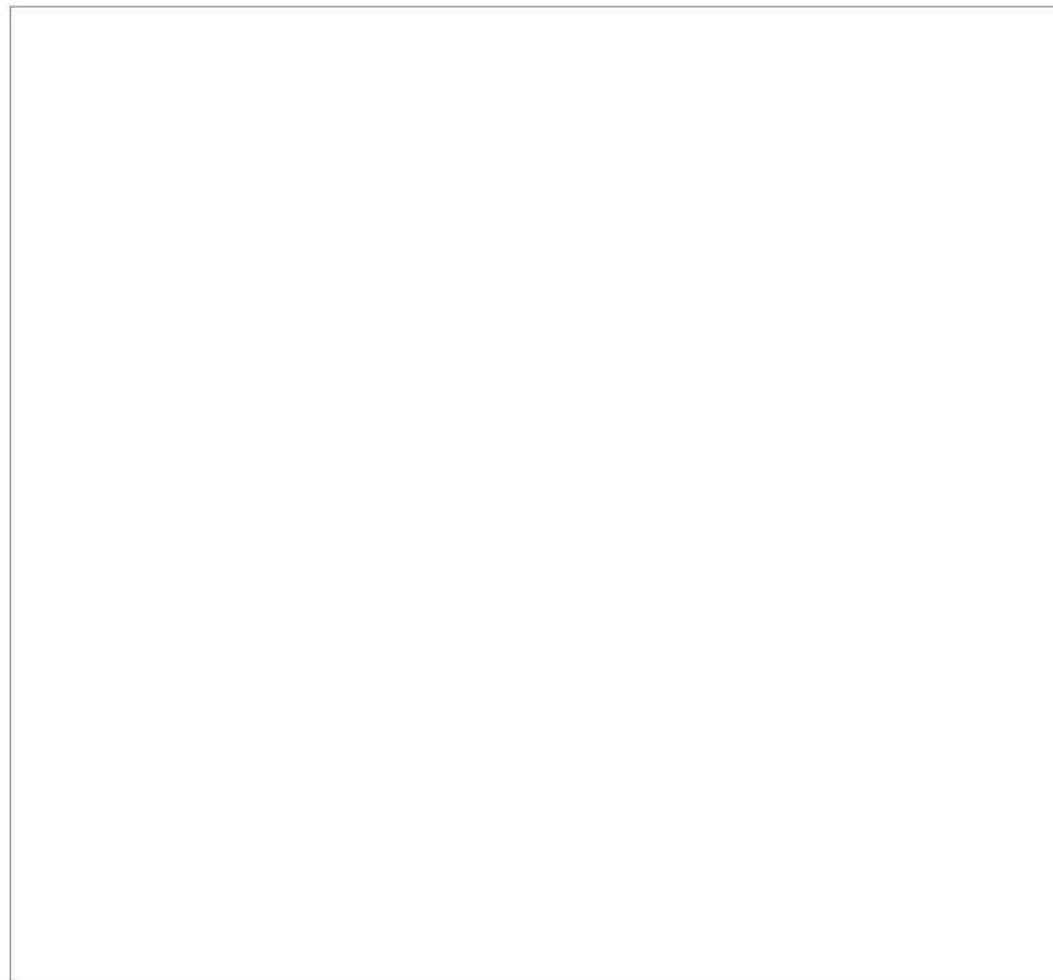
1. Pense na paisagem urbana do bairro onde você mora. Existem muitos prédios altos? Ou há uma maioria de casas e construções baixas? As edificações são próximas umas das outras, ou são mais espaçadas?

2. Recorte as silhuetas de edificações da cartela de construções e cole-as no espaço ao lado, reproduzindo a paisagem da sua cidade.

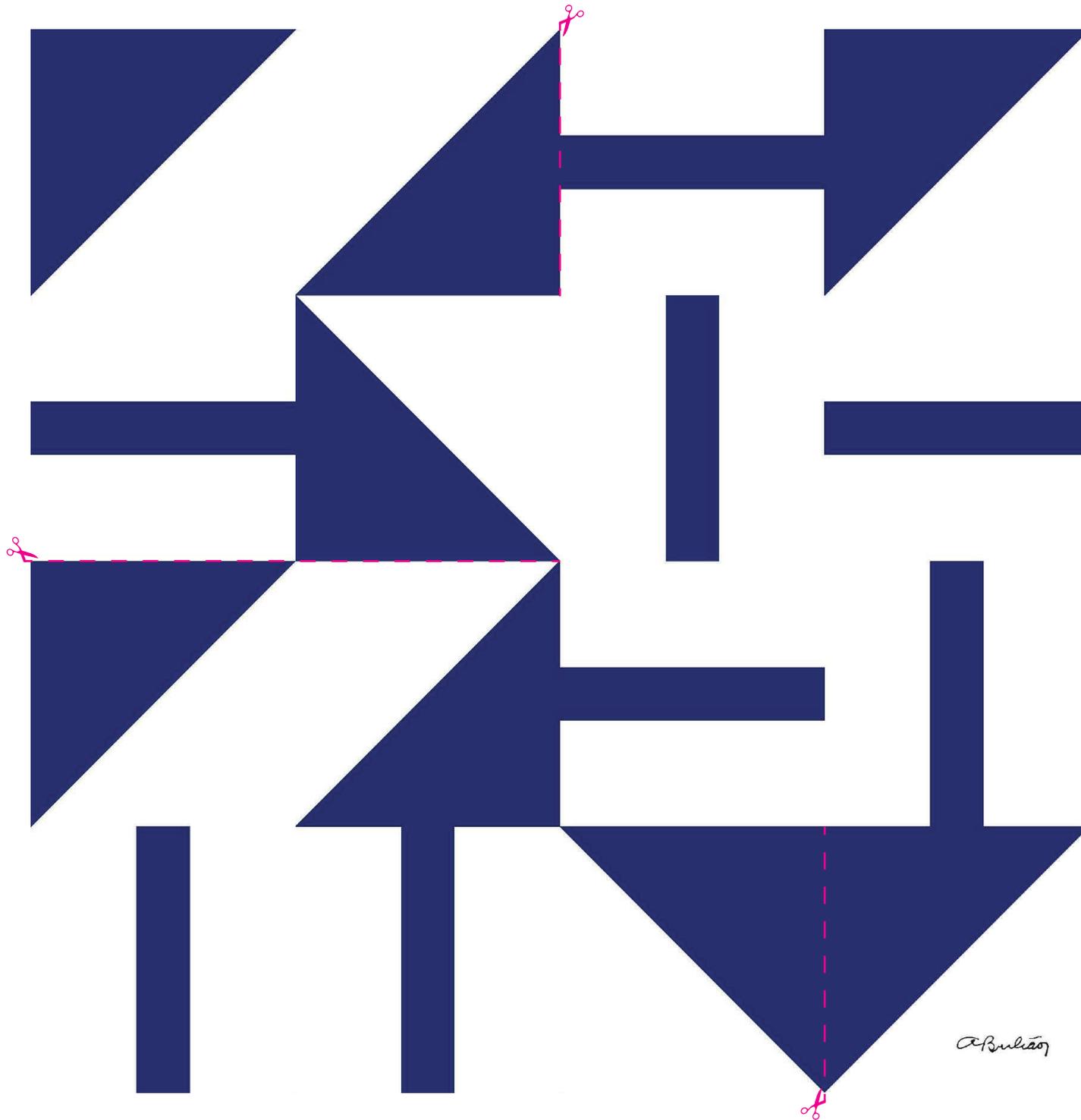
3. Em seguida, aplique sobre as construções os adesivos da cartela de azulejos do Athos Bulcão, formando composições nos prédios da sua cidade. Use a criatividade!

4. Por fim, é hora de preencher sua paisagem com os carimbos que trazem outros elementos da paisagem urbana, como postes, pessoas, carros, animais, entre outros. Pense novamente na sua cidade: existem muitas pessoas na rua? Há muitos muros e grades? As ruas são sombreadas, com muitas árvores? As pessoas andam mais de carro ou a pé?

Quando estiver pronto, pegue os carimbos com os arte-educadores e mãos à obra!



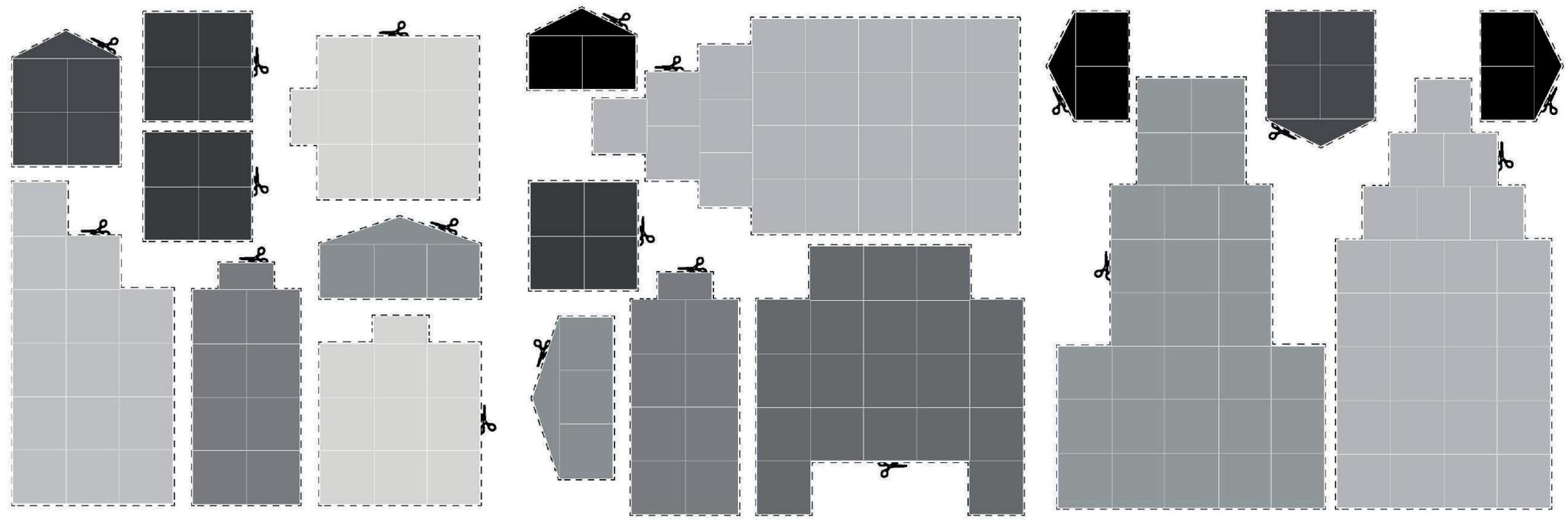
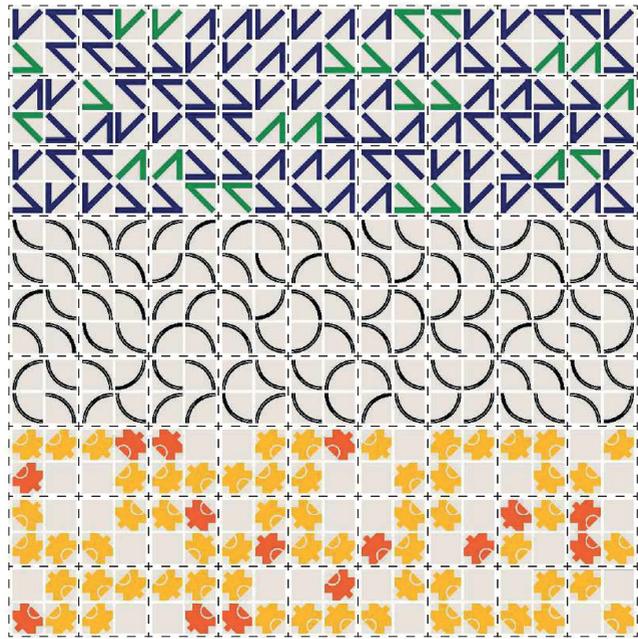
Micrópolis é um coletivo que trabalha no campo compartilhado entre as áreas de arquitetura, urbanismo, design, pedagogia urbana e ação cultural, realizando projetos que propõem novas possibilidades de interpretação e transformações na vivência da cidade. Formado em 2010 quando seus membros ainda eram estudantes na Escola de Arquitetura da UFMG, o coletivo surgiu como um experimento pedagógico que testava no espaço urbano métodos de engajamento comunitário, de pesquisa da vida cotidiana e de transformação de espaços compartilhados em micro escala.



A. Bulcão



A. Bulcão



Patrocínio

Banco do Brasil

Realização

Ministério da Cultura
Centro Cultural Banco
do Brasil

**Programa CCBB Educativo
Arte e Educação:****Concepção e Produção**
JA.CA**Coordenação Geral/Artística**
Francisca Caporali
Samantha Moreira**Coordenação Pedagógica,
Acessibilidade e Inclusão**
Bitu Cassundé
Gleyce Kelly Heitor**Pesquisa**
Afluentes**Coordenação Executiva**
Tatiana Richard**Produção Executiva**
Alexandra Duarte**Assistência Administrativa**
Gustavo Carvalho**Coordenação**
Marcio Harum (SP)
Mateus Mesquita (BH)
Pablo Lafuente (RJ)
Yana Tamayo (DF)**Coordenação Educativa**

Amanda Freitas (SP)
Fabíola Rodrigues (BH)
Maria Clara Boing (RJ)
Viviane Pinto (DF)

Produção

Fernando Derzié Luz (DF)
Jurandy Valença (SP)
Kika Bruno (BH)
Marianne Giuliano (RJ)

Coordenação de Comunicação
Sarah Matos**Coordenação de Design**
Gabriel Figueiredo**Design**

Marcio Gabrich

Assistência de Design

Leo Passos
Artur Souza

Coordenação de Mídias Sociais
Júlia Vasconcelos**Co-autoria Convite à Ativação**
Micrópolis**Exposição:**

100 Anos de Athos Bulcão

**Concepção, Projeto e Produção
da Exposição:**
4 Art**Curadores:**

André Severo
Marília Panitz

Exposição: 7 de Novembro de 2018 a 28 de Janeiro de 2019



LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS



ccbeducativo.com

bb.com.br/cultura

(21) 3808 2070

(21) 3808 2254

instagram: @bancodobrasil

twitter: /ccbb_rj

facebook: /ccbb.rj

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66 - Centro

Rio de Janeiro (RJ)

Nos termos da Portaria 3.083, de 25.09.2013, do Ministério da Justiça, informamos que o Alvará de funcionamento deste CCBB tem nº489095, de 03.01.2001 sem vencimento.

Central de Atendimento BB

4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC

0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800 729 0088

Ouvidoria

0800 729 5678

Concepção
e Produção

Exposição

Realização



4ART
PRODUÇÕES CULTURALS



MINISTÉRIO DA
CULTURA

